

eu nasci
eu cresci
eu sou mesmo

assim,

é assim que eu sou.

por Ivan Rabelo

A importância de se desenvolver competências relacionadas aos desafios do nosso século, seja em busca da prosperidade individual e coletiva, é um aspecto reconhecido por todos, mesmo para distintos contextos, teorias e práticas em diferentes níveis e áreas profissionais. No entanto, a definição de quais competências são importantes para uma atuação assertiva e coesa com as demandas e inovações do século 21 não parece ser consensual, considerando que distintos profissionais e práticas já não se apresentam capazes de responder aos desafios da avaliação de competências no mundo atual, e ainda, muitas novas propostas estão em pesquisa, em desenvolvimento.

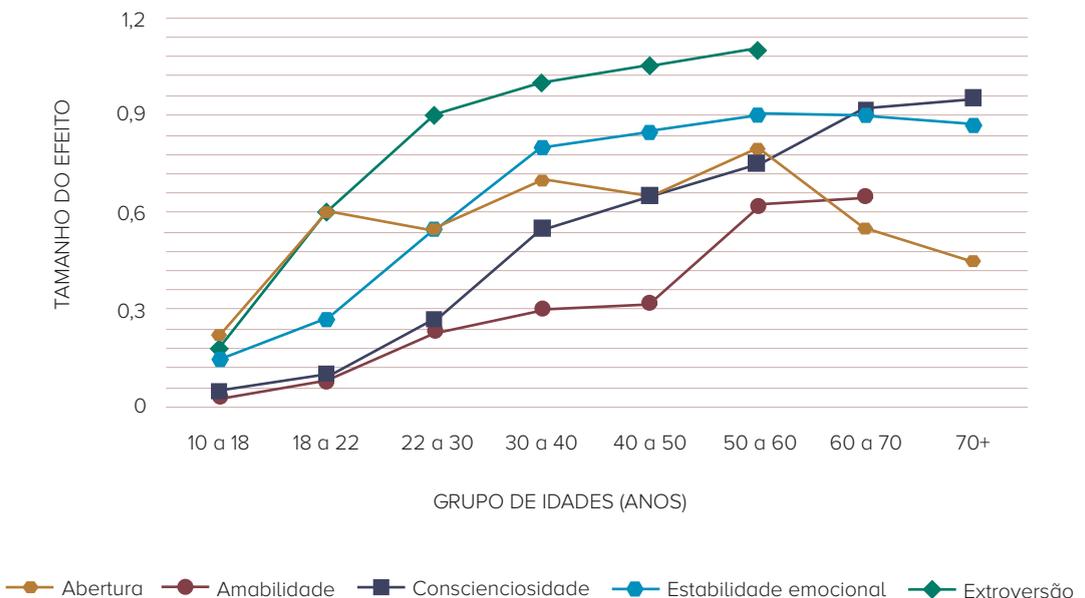
Neste sentido, sob um olhar da ciência, pesquisas acadêmicas realizadas nas últimas décadas revelam que determinados aspectos não cognitivos, tais como organização, perseverança, autonomia, autocontrole, capacidade de ser aberto à inovação, entre outros, revelam-se tão importantes quanto às habilidades cognitivas, medidas por testes de desempenho e raciocínio, para a obtenção de bons resultados em diversas esferas individuais e coletivas, como educação, saúde, bons relacionamentos, felicidade no trabalho, renda etc.

Deste modo, encarar os desafios desse século exige que as pessoas dominem certos conhecimentos essenciais para o sucesso na vida, desde acadêmico, profissional e, sobretudo pessoal, no qual o trabalho tem papel de forte estimulação e influência, podendo contribuir para o desenvolvimento dessa vasta gama de habilidades e competências. Os diferentes estudos e pesquisas em diversos países sugerem que são necessárias competências cognitivas, assim como as comportamentais, para o sucesso na escola, na família, no trabalho, no futuro, na vida.

Do ponto de vista dos progressos recentes apresentados pela ciência, em seus artigos e livros publicados a partir de pesquisas empíricas, verifica-se o estudo das implicações de habilidades comportamentais, de traços de personalidade, no desenvolvimento de competências cognitivas associadas ao bom desempenho no trabalho. Sobretudo porque um crescente corpo de evidências alude que intervenções, treinamentos, psicoterapia etc., podem transformar as disposições e autopercepções na vida de uma pessoa (Heckman, Stixrud & Urzua, 2006; Heckman et al., 2010), ou seja, estes autores apresentam sugestões de uma maior maleabilidade das características comportamentais, do que se imagina da noção de traço de personalidade como algo estático, que após se formar na idade adulta, só poderia ser modificada a partir de traumas ou grandes causas.

Heckman e colaboradores (2001, 2010, 2011) têm realizado diferentes estudos que apontam que características cognitivas e socioemocionais são maleáveis ao longo da vida, mesmo que em determinadas faixas de idades e etapas da vida as habilidades se mostrem mais ou menos maleáveis, potencializando intervenções que poderiam vir a ser realizadas para a promoção destes atributos. De maneira que as pesquisas destacam uma formação bastante precoce da inteligência e capacidade de raciocínio acontecendo nas primeiras fases da vida, ao passo que características emocionais e comportamentais se mostram ainda maleáveis depois da adolescência e mesmo na vida adulta. Nesse sentido, destaca-se uma pesquisa de meta análise posposta por Roberts, Martin e Olaru (2015, p.11), que objetivou investigar a maleabilidade dos fatores no modelo dos cinco grandes fatores de personalidade (*Big Five*), em distintas faixas etárias, conforme indicado na figura 1.

Figura 1. Meta análise da maleabilidade da personalidade (Roberts et al., 2015).



.síntese

Para interpretação da figura 1, destaca-se que valores muito mais próximos do número 1 reforçam a idéia de imutabilidade da personalidade nos referidos fatores. De forma que, até tempos recentes, pensava-se que a personalidade era imutável, ou melhor, pouco maleável ao longo da vida adulta (McCrae & Costa, 1994). Mais recentemente, essas meta análises questionam isso e sugerem que a personalidade se desenvolve ao longo da vida. Sobre tais estudos, Roberts e DelVecchio (2000) examinaram 152 estudos longitudinais para mostrar que a consistência da personalidade de ordem geral era bastante moderada: 0,31 na infância; 0,54 na faculdade; 0,64 entre os 30 e 40 anos; e 0,74 entre 50 e 70 anos. Já em um estudo de acompanhamento, Roberts, Walton e Viechtbauer (2006) examinaram a média de mudanças na personalidade ao longo de uma vida útil. Eles descobriram que os indivíduos se tornaram mais socialmente dominantes (extrovertidos), conscienciosos, agradáveis e mais emocionalmente estáveis durante toda a vida, particularmente na adolescência e no início da idade adulta. Os efeitos não foram leves, chegando a mudança ao longo de uma vida se mostrar até um desvio padrão completo.

De maneira que tais pesquisas sugerem que os fatores não cognitivos poderiam e deveriam desempenhar um papel mais importante na política e na prática educacional, assim como no contexto do trabalho, de maneira mais expressiva do que até agora foi realizado. Simplificando, existe uma necessidade de investimento potencialmente mais alto por parte dos empregadores e fazedores de políticas educacionais no desenvolvimento de habilidades comportamentais, para além das habilidades cognitivas.

o problema

até tempos recentes, a personalidade era considerada como imutável após seu desenvolvimento no início da fase adulta, ou seja, pouco maleável ao longo da vida de um indivíduo.

a análise

na atualidade, diferentes estudos apontam que características cognitivas e comportamentais são maleáveis ao longo da vida, mesmo que em determinadas faixas de idades e etapas da vida alguns atributos se mostrem mais ou menos maleáveis.

a proposta

a partir das inferências propostas pelas pesquisas empíricas recentes, refletir sobre a possibilidade de promoção, de maneira intencional, do desenvolvimento de atributos comportamentais, podendo contribuir para uma maior adaptação de competências para o sucesso no mundo atual, seja no contexto do trabalho, assim como em outras esferas da vida.

Portanto, em conclusão, apesar de na cultura popular brasileira existir um ditado que diz “pau que nasce torto nunca se endireita, vira lenha”, ou seja, não há nenhuma esperança, pois pau torto pode não parecer ter serventia, ou ainda, no mesmo sentido, aquilo que é dito na música: “eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim, é assim que eu sou”, refletem a suposição de que, depois de constituído, os traços e características de uma pessoa não mudam. Nesse sentido, o título deste artigo é uma reflexão para que possamos observar o que as pesquisas mais recentes têm apresentado, permitindo, portanto, a partir das inferências empíricas, compreender que é possível desenvolver intencionalmente características comportamentais, que podem promover uma maior adaptação de comportamentos produtivos no trabalho, contribuindo em conjunto também para uma maior satisfação do trabalhador no desempenho de suas atividades. ■

Este artigo foi produzido, editado e revisado por Ivan Rabelo e Primeira Escolha.

Referências

- Heckman, J.J., Humphries J. E., & Mader, N.S. (2011). The GED. In: Handbook of the Economics Of Education, 3, Amsterdam: North-Holland.
- Heckman, J.J., Moon, S.H., Pinto, R., Saveley, P.A., & Yavitz, A. (2010). Analyzing social experiments as implemented: A reexamination of the evidence from the highscope perry preschool program. *Quantitative Economics*, 1(1), 1–46.
- Heckman, J.J., & Rubinstein, Y. (2001) The Importance of Noncognitive Skills: Lessons from the GED Testing Program. *AEA Papers and Proceedings*.
- Heckman, J., Stixrud J., & Urzua S. (2006). The Effects of Cognitive and Noncognitive Abilities on Labor Market Outcomes and Social Behavior. *Journal of Labor Economics*, 24(3), 411–482.
- McCrae, R.R., & Costa, P.T. (1994). The stability of personality: Observation and evaluations. *Current Directions in Psychological Science*, 3, 173–175.
- Roberts, R.D., Martin, J.E., & Olaru, G. (2015). A Rosetta Stone for Noncognitive Skills Understanding, Assessing, and Enhancing Noncognitive Skills in Primary and Secondary Education. *ASIA Societies*. 1–25.
- Roberts, B.W. & DelVecchio, W.F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 126, 3–25.
- Roberts, B.W., Walton, K.E., & Viechtbauer, W. (2006). Patterns of mean-level change in personality traits across the life course: A metaanalysis of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 132, 3–27.